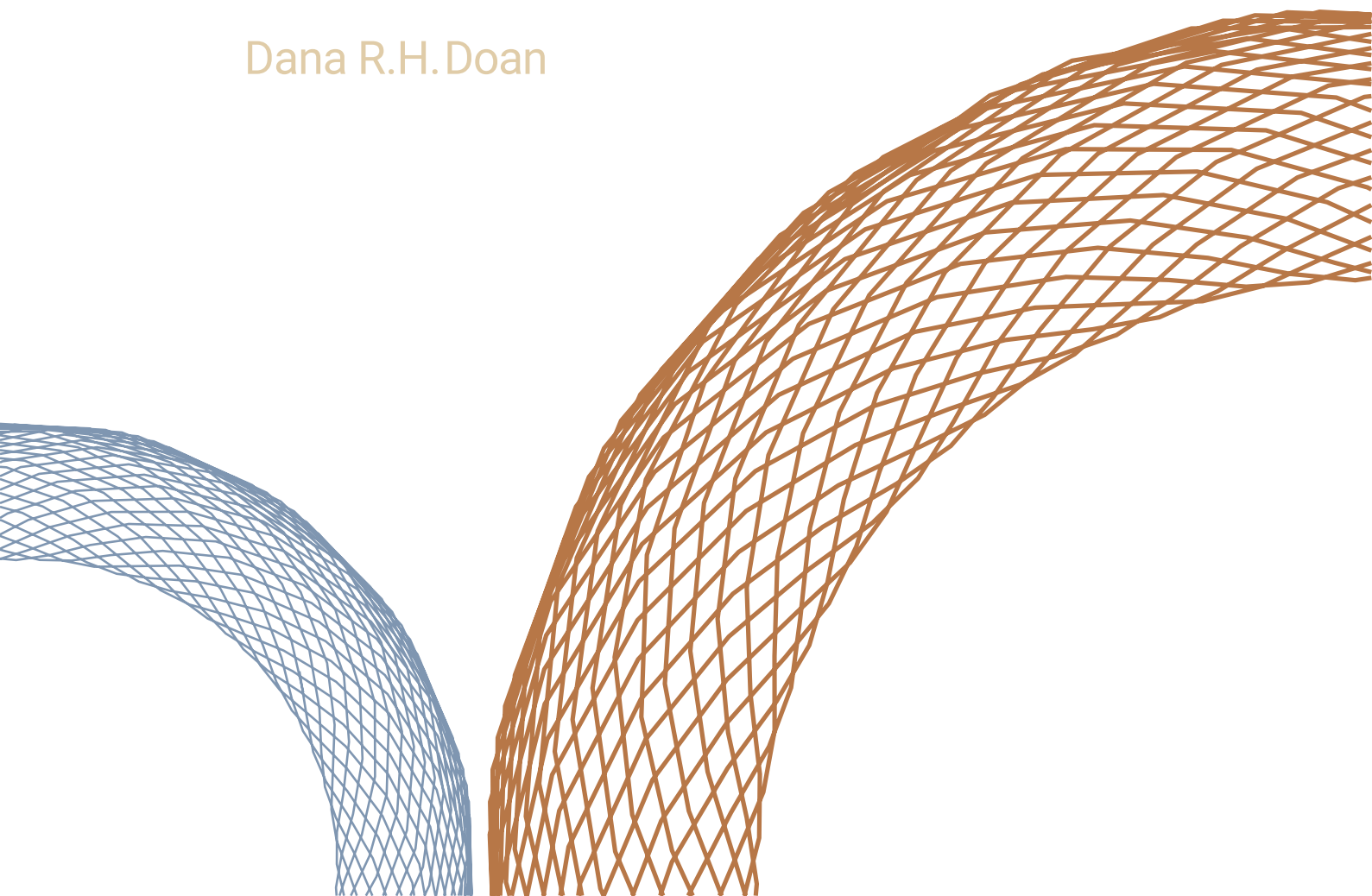




O que é filantropia comunitária?

Um guia para entender e implementar a filantropia comunitária

Dana R.H. Doan



Índice

Introdução	3
Um novo chamado à filantropia comunitária	4
A filantropia comunitária não é um tipo de organização. É uma prática	4
Definição de filantropia comunitária	7
Avaliando a filantropia comunitária	8
Conclusão	10
Referências	11

Introdução

A filantropia comunitária tem origem em práticas de troca, ajuda mútua, solidariedade e desenvolvimento comunitário, que são parte da sociedade desde a antiguidade. 'A população local se ajudando e compartilhando recursos para o bem comum' é uma prática inclusiva e solidária encontrada na maioria das (senão em todas) culturas e comunidades.¹ No entanto, apesar da retomada na atenção dada ao conceito de filantropia comunitária – tanto pelas organizações sem fins lucrativos como por doadores e investidores sociais – há ainda pouca orientação para quem deseja adotar essa abordagem como prática de atuação ou forma de doação. Essa é uma observação baseada em minha experiência pessoal, ao tentar compreender e aplicar a filantropia comunitária em meu trabalho com organizações de base no Vietnã, e também em um esforço de revisão da literatura disponível sobre o tema examinando produções tanto acadêmicas como de profissionais atuando no campo. Embora exista uma crescente literatura focada na filantropia comunitária, as orientações existentes atualmente apresentam diferentes entendimentos sobre o conceito. Este documento faz um resumo da minha revisão da literatura e procura esclarecer para aqueles que atuam no campo do desenvolvimento, o que significa praticar filantropia comunitária.

¹ Effective Communities Project, 2005; Kilmurray, 2015

Um novo chamado à filantropia comunitária

A importância do desenvolvimento liderado pela comunidade está consagrada em vários acordos internacionais de desenvolvimento: a Declaração de Paris (2005), a Agenda de Accra (2008) e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (2015). Cada um desses acordos globais aponta para a necessidade um maior domínio local, bem como o alinhamento dos recursos dos doadores aos objetivos do país beneficiário, considerando a utilização de sistemas e estruturas locais, incluindo agências de governo, fundações e sociedade civil. No entanto, menos de 2% dos recursos de ajuda humanitária tem sido destinada a organizações locais sem fins lucrativos.² Há evidências da existência de uma ‘tirania de especialistas’, com inúmeros exemplos de programas de desenvolvimento projetados para – e não por – comunidades locais, subjugando o conhecimento e a liderança local. O resultado dessas práticas é a falta de responsabilização local, o crescimento da dependência, o aumento das desigualdades existentes e a realização de programas ineficazes ou insustentáveis.³

À medida que essas críticas crescem, práticas antigas como o apoio mútuo, o desenvolvimento de base e o desenvolvimento participativo, estão ganhando um novo valor.⁴ A desenvolvimento liderado localmente se torna particularmente importante nos dias de hoje, à medida que um número crescente de governos em diversos países expressa preocupações sobre a influência da ajuda externa.⁵ Os exemplos de iniciativas de desenvolvimento fracassadas e o fechamento do espaço da sociedade civil, somados ao potencial de sucesso do desenvolvimento liderado localmente, formam um contexto favorável ao conceito de filantropia comunitária.

A filantropia comunitária não é um tipo de organização. É uma prática

Quando as pessoas mencionam filantropia comunitária, é comum que o termo seja automaticamente equiparado as fundações comunitárias. Embora muitos acadêmicos e profissionais assumam que as fundações comunitárias estejam envolvidas em filantropia comunitária, é prudente não equiparar um tipo de organização específica ao que deve ser compreendido como uma prática. Existem duas razões para essa precaução. Primeiro, a filantropia comunitária é uma prática universal que se originou muito antes da primeira fundação comunitária,

² van der Zee, 2015; Hodgson & Knight, 2016

³ Building Movement Project, 2017; Ruesga, 2011; Deaton, 2013; Easterly 2013; Kothari & Minogue, 2002; Escobar, 1995; Ferguson, 1994; Gilbert, 2013a; Mitchell, 2002

⁴ Sachs, 2005; Deaton, 2013; Easterly, 2013; Fowler & Wilkinson-Maposa, 2013; Cochrane, 2012; Ruesga, 2011; Civicus, 2018

⁵ International Center For Not-For-Profit Law, 2016; Civicus, 2018

estabelecida em Cleveland, Ohio, no início do século XX.⁶ Segundo, a filantropia comunitária é um processo e não um tipo de organização.⁷

Filantropia comunitária diz respeito a várias concepções de filantropia, incluindo: filantropia de base, filantropia engajada, filantropia participativa, filantropia horizontal,

filantropia de justiça social, filantropia indígena, filantropia baseada em um território, e coprodução.⁸ Esses conceitos adotam normas e valores semelhantes como: reciprocidade, solidariedade, coesão social, autoconfiança e interdependência. Estão presentes em práticas tradicionais observadas em todo o mundo, como o Ubuntu (África do Sul), Harambee (Quênia), Meitheal (Irlanda), Renqing (China), e Buen Vivir (em alguns países da América Latina).⁹ Na América do Norte, as tribos nativas praticam a mútua ajuda desde a antiguidade, reunindo e reinvestindo seus recursos para proteger e fortalecer suas comunidades.¹⁰ Essa é uma estratégia frequentemente empregada por imigrantes, que mobilizam seus recursos diante das adversidades que surgem ao mudar de um lugar para outro.¹¹

Os exemplos de filantropia comunitária acima mencionados – entre outros – podem ser apresentados em diversos tipos de organização, como fundos de doação com foco em identidade, círculos de doadores, fundações comunitárias, instituições religiosas, *youth banks* (grupos de jovens que mobilizam recursos e fazem doação para diversas causas), grupos de voluntários e cooperativas.¹² Dito isto, pode-se dizer que não é a forma que determina se há ou não filantropia comunitária, mas sim o processo. Um escopo ou foco muito restrito a um tipo de organização consequentemente limita a compreensão do papel (ou potencial papel) desempenhado pelos profissionais da filantropia comunitária ao ‘fazer uso das doações locais a serviço do desenvolvimento e da justiça social.’¹³ Embora o desenvolvimento liderado localmente possa ter sido um objetivo essencial no estabelecimento da primeira fundação comunitária, apenas uma pequena porcentagem dessas instituições está envolvida na prática da filantropia comunitária, conforme definida neste documento.¹⁴ Na realidade, algumas fundações

⁶ Kilmurray, 2015

⁷ Pond & Hodgson, 2018

⁸ Ruesga, 2011; Lynn & Wisely, 2006; Fowler & Wilkinson-Maposa, 2016; Suarez, 2012; Mottiar & Ngcoya, 2016; Aspen Institute, 2014; Ostrom, 1999; Pestoff, 2006; Phillips, 2018.

⁹ Ubuntu: Moyo, 2016; Ngcoya & Mottiar, 2016; Harambee: Copeland-Carson, 2007; Moyo, 2016; Meitheal: Kilmurray, 2015; Renqing: Yang, 1994; Wang et al, 2008; Buen Vivir: Merino, 2016.

¹⁰ White, 2004; Berry, 1999

¹¹ Fadiman, 1997; Min, 1992

¹² Franklin, 2017; Pond & Hodgson, 2018; Wilkinson-Maposa, 2018 13

¹³ Gilbert, 2018: 18

¹⁴ Sacks, 2014; Graddy & Morgan, 2006; Mazany & Perry, 2014; Joseph, 2016

comunitárias acabam cedendo aos interesses de seus doadores em detrimento de sua missão, enquanto outras se concentram na sobrevivência da própria organização em detrimento de servir às necessidades da comunidade (que é a razão pela qual foram criadas).¹⁵

Para além das fundações comunitárias, várias formas institucionais têm potencial de promover a filantropia comunitária. O que torna uma organização adequada a adotar esse processo é um compromisso com normas compartilhadas e o foco tanto nos meios como nos fins declarados pela abordagem.¹⁶ As normas fundamentais para a filantropia comunitária incluem: reciprocidade, solidariedade, transparência, responsabilidade e confiança.¹⁷ Da mesma forma, para alcançar uma comunidade forte, viver em harmonia com a natureza ou ampliar o bem-estar de um grupo, as organizações que buscam catalisar a filantropia comunitária se envolvem nas seguintes normas e práticas:

São socialmente radicadas As organizações socialmente radicadas são capazes de definir problemas com base nas prioridades da comunidade, de apreciar os ativos locais ('usar o que temos para fazer o que precisamos'), e de operar no nível mais local de interações.¹⁸

Priorizam os relacionamentos Na filantropia comunitária, os relacionamentos estão em primeiro lugar. Essa prática busca facilitar os relacionamentos, construir vínculos, pontes e conectar o capital das comunidades locais (e entre as comunidades) ao capital de outras fontes externas, uma vez que os relacionamentos de confiança se desenvolvem a partir de interações repetidas, honestas e recíprocas.¹⁹

Coproduzem Organizações que coproduzem dão voz, controle e responsabilidades aos indivíduos, famílias e comunidades às quais servem. Todos participam no desenho, realização e avaliação dos programas.²⁰

Focam nas causas mais profundas A busca por mudanças estruturais e sistêmicas, ao mesmo tempo em que são realizadas correções de curto prazo, é uma perspectiva essencial que ajuda a garantir que nenhum dano seja causado no meio do caminho.²¹

São articuladores e facilitadores neutros, honestos e com intenção clara As organizações procuram facilitar o relacionamento plural e diverso entre as principais partes

¹⁵ Kilmurray, 2016; Guo & Brown, 2006 16

¹⁶ Knight, 2017: 64

¹⁷ Fukuyama, 1995, 2001; Etzioni et al, 2004; Pentland, 2014; Phillips, 2018a

¹⁸ Knight, 2012; Martinez-Cosio & Bussell, 2013; Putnam et al, 2004; Blackbelt Community Foundation; Pond & Hodgson, 2018; Mazany & Perry, 2014; Knight, 2017: 134; Gilbert, 2018.

¹⁹ Putnam, 1995; Woolcock, 1998; Putnam et al, 2004; Pentland, 2014; Fukuyama, 1995, 2001.

²⁰ Martinez-Cosio & Bussell, 2013; Pond & Hodgson, 2018; Hodgson, Knight & Mathie, 2012; Wilkinson-Maposa, 2018; Phillips, 2018a; Knight, 2017

²¹ Martinez-Cosio & Bussell, 2013; Pond & Hodgson, 2018; Gilbert, 2018; Harrow & Jung, 2016; Edwards & Sen, 2000

interessadas, oferecendo conhecimento objetivo, experiência e compreensão, ao mesmo tempo em que cuidam de pequenos detalhes, como reuniões, horários e outras atividades logísticas.²²

Reúnem recursos A filantropia comunitária envolve a identificação, valorização e mobilização de diversos tipos de recursos disponíveis, desde capital financeiro e humano, até capital cultural e moral.²³

Oferecem uma liderança esclarecida As organizações de filantropia comunitária são agentes que estimulam a curiosidade, a criatividade e o diálogo cívico; identificam interesses compartilhados e conseguem obter acordos em questões críticas; são organizações que convencem aqueles com poder a compartilhá-lo com outras pessoas.²⁴

Muitas organizações filantrópicas declaram ter interesse ou mesmo o objetivo de promover que indivíduos e grupos levantem suas vozes e se tornem participantes ativos em iniciativas voltadas a solução de problemas ou na construção de uma nova realidade em suas comunidades. Entretanto, apenas as instituições que se comprometem com as normas e práticas descritas acima podem ser consideradas como mediadores de filantropia comunitária. O tipo de organização somente tem relevância na medida em que sua estrutura pode promover ou inibir essas práticas.

Definição de filantropia comunitária

Várias definições e descrições de filantropia comunitária são encontradas ao se fazer uma revisão da literatura sobre o tema, tanto na produção baseada na prática como na pesquisa acadêmica.²⁵ Ainda, é possível identificar diversas semelhanças e diferenças entre esses conceitos. Em geral, eles tratam de um processo colaborativo que envolve a identificação e mobilização de recursos que já existem em uma comunidade. A importância de equilibrar ou 'mudar' a dinâmica de poder é um elemento que aparece em vários artigos, aludindo talvez ao motivo pelo qual muitas definições enfatizam a liderança da comunidade ou o controle da comunidade sobre os recursos a serem investidos nela, independente da origem de tais recursos.

Há um debate em andamento sobre se a 'comunidade' a que se refere o termo 'filantropia comunitária' tem a ver com um local geográfico. A maioria dos artigos, intencionalmente ou não, permite uma ampla interpretação do termo comunidade, sugerindo que possa se referir a território, identidade, valor, interesse, cultura, fé ou outra característica ou experiência

²² Mazany & Perry, 2014; Majic, 2011; Eikenberry, 2009; Knight, 2017

²³ Mazany & Perry, 2014; Joseph, 2016; Yang, 1994

²⁴ Mazany & Perry, 2014; Burns & Worsley, 2015; Martinez-Cosio & Bussell, 2013; Putnam et al, 2004; Edwards & Sen, 2000

²⁵ Encontrei 13 artigos que buscaram definir ou descrever a filantropia comunitária. Essas definições e descrições estão disponíveis na versão ampliada deste documento.

compartilhada.

Para mim, a descrição oferecida por Pond e Hodgson (2018:5) se aproxima mais de uma definição operacional. Segundo as autoras, “a filantropia comunitária é, ao mesmo tempo, uma forma e uma força para o desenvolvimento orientado localmente que fortalece a capacidade e a voz da comunidade, proporciona confiança e, o que é mais importante, explora e constrói recursos locais.” No entanto, essa definição poderia ir um pouco mais longe, deixando mais claro o objetivo desejado. O desenvolvimento orientado localmente é o meio, mas não é o fim. Por esse motivo, proponho uma pequena alteração à definição de Pond e Hodgson:

A filantropia comunitária é, ao mesmo tempo, uma forma e uma força para o desenvolvimento orientado localmente que fortalece a capacidade e a voz da comunidade, proporciona confiança e, o que é mais importante, explora e constrói recursos locais, **mobilizados para desenvolver e manter uma comunidade fortalecida.**

Avaliando a filantropia comunitária

Está além do escopo deste documento fazer uma proposta para avaliar a eficácia da filantropia comunitária. Por isso me limito aqui a apenas introduzir os objetivos e medidas observadas na literatura que discute o tema da avaliação dessa abordagem.

A literatura se refere a diferentes objetivos relacionados a filantropia comunitária. Alguns desses são objetivos intermediários, estabelecidos para alterar valores, normas ou comportamentos como, por exemplo, garantir que as pessoas tenham agência ou que desenvolvam um senso de pertencimento (Phillips, 2018b; Enns et al, 2014; Hodgson, Knight & Mathie, 2012). Outros são objetivos de longo prazo, como redução da pobreza ou sustentabilidade ambiental (Etzioni et al 2004; Knight, 2017; Merino, 2016). Em outros casos, os estudos apresentam uma combinação de metas de curto e longo prazo como, por exemplo, a construção de ativos, capacidades e confiança para fortalecer as comunidades (Pond & Hodgson, 2018; Hodgson, Knight & Mathie, 2012; Gilbert, 2018; Wilkinson-Maposa, 2018).

Várias medidas (ou indicadores) de progresso diferentes foram descritas na literatura sobre filantropia comunitária. A tabela abaixo apresenta algumas delas e tenta categorizá-las em ‘medidas de processo’ e ‘medidas de resultado’ (por exemplo, se a medida avalia o percurso, dos meios até o fim, ou se foca na avaliação do fim desejado):

Medidas	Processo	Resultado
Aumento dos valores de cooperação: confiança, respeito, justiça social	■	■
Aumento do comportamento de cooperação: mudança em políticas, estabelecimento de conexões, escuta, compartilhamento, construção de capacidade, defesa de direitos, participação, inclusão	■	■
Mudança de mentalidade: esperança, senso de comunidade/pertencimento		■
Fortalecimento de relações: tipo, qualidade, quantidade	■	■
<i>Feedback loop</i> : feedback da comunidade, impacto, utilidade	■	
Comunidades marginalizadas ganham força: ativos, capacidades, confiança		■
Comunidades ganham força: ativos, capacidades, confiança		■
Maior igualdade (gênero, raça, etc.)		■
Redução de pobreza: satisfação de necessidades humanas, bem-estar geral		■

Fonte: Hodgson & Knight, 2010; Martinez-Cosio & Bussell, 2013; Edwards & Sen, 2000; ECP, 2005; Hodgson, Knight & Mathie, 2012; White, 2016; Phillips, 2018b.

Como observado na lista de medidas acima e na anterior descrição de objetivos, as organizações de filantropia comunitária podem ter objetivos diferentes, o que exigiria abordagens diferentes para medir o progresso. Espero que esta seção chame a atenção para a necessidade de maior clareza entre as organizações sobre seus propósitos e as medidas que usam para obter evidências que subsidiem uma boa governança e um processo de tomada de decisões eficaz ao implementar suas iniciativas.

Conclusão

Apesar da longa história e do interesse renovado no conceito, a filantropia comunitária ainda não é bem compreendida. Enquanto isso, aqueles que estão trabalhando duro nas trincheiras do desenvolvimento comunitário e buscam essa abordagem – como um processo liderado localmente, focado em alavancar ativos, capacidades e confiança locais – carecem de orientação clara para seu trabalho. O objetivo deste documento é oferecer essa orientação, apoiando profissionais e interessados no tema.

Os atores engajados na filantropia comunitária se veem adotando uma abordagem de longo prazo, ao trabalhar na construção de comunidades fortalecidas e valorizando normas e práticas que produzem comportamentos cooperativos. Essa atuação está mais propensa ao sucesso quando as lideranças da organização estão socialmente radicadas, quando priorizam os relacionamentos, coproduzem com os membros da comunidade, focam nas causas mais profundas, atuam como articuladores honestos e com intenções claras, e demonstram liderança esclarecida. Essa abordagem das organizações de filantropia comunitária é relevante para comunidades de base territorial ou de identidade, cultura, interesses e afins. É uma prática que também pode ser aplicada a doadores externos, que se beneficiariam ao focar seus esforços na construção de ativos, capacidades e confiança locais, para que cada comunidade possa concretizar sua própria visão de futuro.

Referências

- Aspen Institute, The (2014). *Towards a Better Place: Neighborhood Funders Group & Aspen Institute Forum for Community Solutions*. 14 de setembro de 2014. Disponível em: <<https://aspencommunitysolutions.org/report/towards-a-better-place/>>. Acesso em 30 de outubro de 2018
- Berry, M.L. (1999). 'Native-American Philanthropy: Expanding social participation and self-determination.' In *Cultures of caring: Philanthropy in diverse American communities*, Washington, DC: Council on Foundations, 29 — 106.
- Blackbelt Community Foundation, (2018). Organizational tagline. Disponível em: <<http://blackbeltfound.org/>>. Acesso em 20 de outubro de 2018.
- Building Movement Project (2017). 'Race to Lead: Confronting the Racial Leadership Gap.' Disponível em: <http://www.buildingmovement.org/reports/entry/race_to_lead>. Acesso em 30 de outubro de 2018.
- Burns, D. & Worsley, S. (2015). *Navigating complexity in international development*. Rugby, UK, Practical Action Publishing.
- Civicus (2018). '2018 State of Civil Society Report.' Disponível em: <<https://www.civicus.org/index.php/state-of-civil-society-report-2018>>. Acesso em 15 de novembro de 2018.
- Cochrane, James R (2012). 'The Incommensurability of Development and Justice.' In: J. R. Cochrane, E. Bongmba, I. Phiri, and D. Water, *Living on the Edge: Essays in Honor of Steve de Gruchy, Activist and Theologian* (pp. 188 — 200). Pietermaritzburg, South Africa: Cluster Publications.
- Community Foundation Atlas. n.d. 'Dimensions of the Field.' Disponível em: <<http://communityfoundationatlas.org/facts/>>. Acesso em 03 de novembro de 2018.
- Copeland-Carson, J. (2007). 'Kenyan Diaspora Philanthropy: Key Practices, Trends and Issues.' Prepared for The Philanthropic Initiative, Inc. and The Global Equity Initiative, Harvard University. (Março, 2007). Disponível em: <<https://www.tpi.org/learning-center/kenyan-diaspora-philanthropy-key-practices-trends-and-issues>>. Acesso em 01 de novembro de 2018.
- Deaton, Angus (2013). *The Great Escape: Health, Wealth and the Origins of Inequality*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Easterly, William (2013). *The Tyranny of Experts: Economists, Dictators, and the Forgotten Rights of the Poor*. New York: Basic Books.
- Edwards, M. & Sen, G. (2000). 'NGOs, social change and the transformation of human relationships: a 21st-century civic agenda.' *Third World Quarterly*, Volume 21(4): 605 — 616.
- Effective Communities Project (ECP) (2005). 'Community Philanthropy and Racial Equity: What Progress Looks Like.' Results of a Preliminary Inquiry funded by the Ford Foundation. Fevereiro 2005. Disponível em: <www.racialequitytools.org/resourcefiles/ecp.pdf>. Acesso em 16 de outubro de 2018.
- Eikenberry, A.M. (2009). *Giving circles: philanthropy, voluntary association, and democracy*. Bloomington: Indiana University Press.
- Enns, Charis; Bersaglio, Brock; and Kepe, Thembela (2014). 'Indigenous Voices and the Making of the Post-2015 Development Agenda: The Recurring Tyranny of Participation.' *Third World Quarterly*, Volume 35, No. 3: 358 — 375.
- Escobar, A. (1995). *Encountering development: the making and unmaking of the Third World*. Princeton NJ: Princeton University Press.
- Etzioni, Amitai, Volmert, Andrew, & Rothschild, Elanit (2004). *The Communitarian Reader: Beyond the Essentials*
- Fadiman, A. (2012). *The spirit catches you and you fall down: a Hmong child, her American doctors, and the collision of two cultures*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2012.
- Ferguson, J. (1994). *The anti-politics machine: 'development', depoliticization and bureaucratic power in Lesotho*. Minneapolis, University of Minnesota Press.
- Fowler, A. and Wilkinson-Maposa, S. (2013). 'Horizontal Philanthropy Among Poor People in Southern Africa: Grounded Perspectives on Social Capital and Civic Association.' In Aina & Moyo (Eds.) *Giving to Help, Helping to Give: The Context and Politics of African Philanthropy*, Amalion Press, Senegal: 105 — 130.
- Franklin, Jason (2017). 'Editorial.' *The Foundation Review*: Volume 9(3): 2 — 5.

- Fukuyama, Francis (1995). *Trust: The Social Virtues and the Creation of Prosperity*. Free Press Paperbacks, New York.
- Gilbert, Hillary (2018). 'Time to #ShiftThePower? Community philanthropy and durable development.' Global Fund for Community Foundations. Disponível em: <<http://www.globalfundcommunityfoundations.org/information/time-to-shiftthepower-community-philanthropy-and-durable-dev.html>>. Acesso em 20 de outubro de 2018.
- Guo, Chao & William A. Brown (2006). 'Community Foundation Performance: Bridging Community Resources and Needs.' Vol 35(2): 267 — 287.
- Graddy, Elizabeth A. & Morgan, Donald L. (2006). 'Community Foundations, Organizational Strategy, and Public Policy.' *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, Vol. 35(4): 605 — 630
- Groch, Sharon (2001). 'Free Spaces: Creating Oppositional Consciousness in the Disability Rights Movement'. Chapter 4 in Mansbridge and Morris (Eds.) *Oppositional Consciousness: The Subjective Roots of Social Protest*. The University of Chicago Press, Chicago and London.
- Harrow, J. & Jung, T. (2016). 'Philanthropy and community development: the vital signs of community foundation?' *Community Development Journal*, Volume 51(1): 132 — 152.
- Hodgson, J. and B. Knight (2016). 'The Rise of Community Philanthropy.' *Alliance Magazine*, Volume 21(4): 31 — 35.
- Hodgson, J., Knight, B. & Mathie, A. (2012). *The new generation of Community Foundations*. Coady International Institute & Global Fund for Community Foundations with funding from International Development Research Centre, Canada.
- International Center for Nonprofit Law (ICNL) (2016). 'Survey of Trends Affecting Civic Space: 2015 — 2016.' *Global Trends in NGO Law*. Volume 7(4): 1 — 21.
- Joseph, James Ambassador (2016). 'Charity is good but justice is better: Reimagining the potential of community philanthropy.' Palestra principal no Global Summit on Community Philanthropy realizado em 01 de dezembro de 2016, Johannesburg, África do Sul. Disponível em: <<http://www.globalfundcommunityfoundations.org/latest-news/2017/1/9/charity-is-good-but-justice-is-better-summit-keynote-address.html>>. Acesso em 20 de outubro de 2018.
- Kilmurray, A. (2015). 'Participatory decision-making in contested societies: Examples from the field of community philanthropy'. *Foundation Review*, Vol. 7, No. 3: 84 — 97.
- Kilmurray, A. (2016). 'Community philanthropy. The context, concepts and challenges: a literature review'. <http://www.globalfundcommunityfoundations.org/information/community-philanthropy-the-context-concepts-and-challenges-a.html>
- Knight, Barry (2017). *Rethinking Poverty: What makes a good society?* Policy Press Bristol. Disponível em: <<http://www.oapen.org/search?identifiier=634731>>. Acesso em 01 de agosto de 2018.
- Kothari, U. & Minogue, M. (2002). 'Critical perspectives on development: an introduction.' In Kothari, U. & Minogue, M. eds. *Development theory & practice: critical perspectives*. Basingstoke: Palgrave. pp 1–15.
- Lynn, E. & Wisely, S. (2006). 'Four Traditions of Philanthropy.' In Davis & Lynn (Eds.) *The Civically Engaged Reader*. Great Books Foundation.
- Majic, Samantha (2011). 'Serving Sex Workers and Promoting Democratic Engagement: Rethinking Nonprofits' Role in American Civic and Political Life. Perspectives on Politics, Volume 9(4): 821 — 839.
- Martinez-Cosio, Maria & Bussell, Mirle Rabinowitz (2013). *Catalysts for Change: 21st Century Philanthropy and Community Development* (Community Development Research and Practice Series) 1st Edition, Abingdon, Oxon; New York: Routledge, 2013.
- Mazany, T., & Perry, D. C. (2014). *Here for good: community foundations and the challenges of the 21st century*. Armonk, New York: M.E. Sharpe.
- Merino, Roger (2016). 'An alternative to 'alternative development'?: Buen vivir and human development in Andean countries.' *Oxford Development Studies*, Volume 44 (3): 271 — 286.
- Min, Pyong Gap (1992). 'The Structure and Social Functions of Korean Immigrant Churches in the United States.' *International Migration Review*, Volume 26(4): 1370 — 1394.
- Mitchell, T. (2002). *Rule of experts: Egypt, technopolitics, modernity*. Berkeley: University of California Press
- Moyo, Bhekinsi (2016). 'How to make societies thrive: the role of African philanthropy.' In Mahomed, Halima & Coleman, Elizabeth (eds.) *Claiming Agency: Reflecting on TrustAfrica's First Decade*. Weaver Press: 17 — 28.
- Mottiar, S. and Ngcoya, M. (2016). 'Indigenous philanthropy: Challenging Western preconceptions.' Chapter 9 in Jung, Phillips, & Harrow (Eds.) *The Routledge Companion to Philanthropy*. Routledge: Abingdon and New York.
- Ngcoya, M. and Mottiar, S. (2016). *Horizontality, Ubuntu, and Social Justice*. Cape Town: Human Services Research Council, p.1 — 12.
- Ostrom, E. (1999). 'Crossing the Great Divide: Coproduction, Synergy, and Development.' In

- M. McGinnis (ed.) *Polycentric Governance and Development: Readings from the Workshop in Political Theory and Policy Analysis*. University of Michigan Press: Ann Arbor.
- Paarberg, L. E., & Yoshioka, T. (2016). 'The Impact of Local Economic Structure on Community Philanthropy.' *Public Administration Review*, Volume 76(2): 340 — 350.
- Pentland, A. (2014). *Social physics: How good ideas spread – the lessons from a new science*. New York: The Penguin Press, 2014.
- Pestoff, Victor (2006). 'Citizens and co-production of welfare services: Childcare in eight European countries.' *Public Management Review*, Volume 8(4): 503 — 519.
- Phillips, Susan (2018a). 'Blended or Dysfunctional: Advancing Research on the Family Called "Community Philanthropy."' TBD, presented at ISTR 2018.
- Phillips, Susan (2018b). 'The New Place of Place in Philanthropy: Community Foundations and the Community Building Movement.' TBD, presented at ISTR 2018.
- Pond, Anna and Hodgson, Jenny (2018). 'How Community Philanthropy Shifts Power: What Donors Can Do to Help Make That Happen.' *GrantCraft*. Disponível em: <<http://www.grantcraft.org/guides/how-community-philanthropy-shifts-power>>. Acesso em 16 de outubro de 2018.
- Putnam, RD. (1995). *Bowling alone: America's declining social capital*. *Journal of Democracy* January 1995: 65 — 78.
- Putnam, R.D., Light, I., Briggs, X., Rohe, W.M., Vidal, A.C. Hutchinson, J., Gress, J., Woolcock, M. (2004). 'Using social capital to help integrate planning theory, research, and practice.' *Journal of the American Planning Association*, Volume 70(2): 142 — 192.
- Ruesga, G. Albert (2011). 'Civil Society and Grassroots Philanthropy.' In *The Oxford Handbook of Civil Society*. Oxford University Press, Chapter 36.
- Sachs, Jeffrey (2005). *The End of Poverty: Economic Possibilities for our Time*. Penguin Press.
- Sacks, E.W. (2014). 'The Growing Importance of Community Foundations.' The Charles Stewart Mott Foundation and the Lilly Family School of Philanthropy, Indiana University, IN (2014).
- Suarez, D. (2012). 'Grant making as advocacy: The Emergence of Social Justice Philanthropy.' *Nonprofit Management & Leadership*, Vol. 22(3): 259 — 280.
- van der Zee, Bibi (2015). 'Less than 2% of humanitarian funds "go directly to local NGOs"' *The Guardian*, 16 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2015/oct/16/less-than-2-of-humanitarian-funds-go-directly-to-local-ngos>>. Acesso em 19 de outubro de 2018.
- Wang, Chang Lu; Siu, Noel Y.M., and Bradley R. Barnes (2008). 'The significance of trust and renqing in the long-term orientation of Chinese business-to-business relationships.' *Industrial Marketing Management*, Vol. 37, No. 7: 819 — 824.
- White, S.C. (2016). 'Introduction: the many faces of wellbeing.' In White, SC. & Blackmore, C., eds. *Cultures of wellbeing: method, place, policy*. Basingstoke: Palgrave Macmillan. pp 1 — 44.
- White, W.L. (2004). 'Addiction recovery mutual aid groups: an enduring international phenomenon.' *Society for the Study of Addiction*, Volume 99: 532 — 538.
- Wilkinson-Maposa, S. (2018). 'Vitality and commotion: exploring emergent institutional formations of community philanthropy.' Paper prepared for the International Society for Third Sector Research (ISTR) Conference, Amsterdam, julho 2018.
- Woolcock, M. (1998). 'Social capital and economic development: Toward a theoretical synthesis and policy framework.' *Theory and Society*, Volume 27: 151 — 208.
- Yang, Mayfair Mei-Hui (1994). *Gifts, Favors & Banquets: The Art of Social Relationships in China*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1994.



O Global Fund for Community Foundations (GFCF) trabalha com fundações comunitárias e com doadores locais e suas redes, particularmente nos países do sul global e nas economias emergentes da Europa do Leste e Central. Oferecendo apoio técnico, redes de relacionamento e pequenas doações, o GFCF contribui para o fortalecimento e crescimento de instituições locais, para que possam concretizar seu potencial como instrumentos de desenvolvimento local e parte da infraestrutura necessária a um desenvolvimento duradouro, a redução da pobreza e a participação dos cidadãos.

Sobre o documento

Esta é uma versão reduzida de um artigo da autora, adaptado especialmente para profissionais atuantes na filantropia comunitária. Para acessar a versão ampliada, por favor contate Dana R.H. Doan (danarhdoan@gmail.com).

Sobre a autora

Dana R.H. Doan trabalha com desenvolvimento comunitário e relações internacionais a mais de 20 anos. É fundadora do LIN Center for Community Development (Vietnã) e consultora de organizações sem fins lucrativos nos EUA e no Sudeste da Ásia. Atualmente é doutoranda na Lilly Family School of Philanthropy.

Publicado em agosto de 2019.

Global Fund for Community Foundations

4th Floor
158 Jan Smuts Avenue
Rosebank Johannesburg
2196 África do Sul

www.globalfundcf.org
info@globalfundcf.org

O GFCF é uma entidade limitada pela garantia de seus associados (LBG), registrada na Irlanda do Norte sob nº NI073343

É uma organização sem fins lucrativos registrada com o número XT18816

Entidade registrada na Seção 21 da legislação de entidades da África do Sul (Company Act 61/1973), sob nº 2010/000806/08

Publicado pelo GFCF. Todos os direitos reservados.